

CAPÍTULO 1

Uma ladra, um monarca, dois assassinos, um especialista em infiltração e exfiltração militares e um perito em comunicações reúnem-se num hotel abandonado nos arredores de Marraquexe.

O monarca, um homem chamado Marduk, foi o primeiro a falar:

– Acreditam em Deus?

Marduk observou-os enquanto os homens e a única mulher presente se agitavam desconfortavelmente nas cadeiras. Nenhum deles respondeu. A sua filha, Nina, era muito mais do que uma simples carteirista. Na verdade, fora treinada pelos melhores na arte do roubo e tornara-se uma extraordinária ladra de automóveis. O especialista em infiltração era um homem chamado Luke Hassell e os assassinos tinham apenas nomes de código: Ash e Base. O perito em comunicações era conhecido por Mac. Todos, com exceção da filha de Marduk, tinham sido escolhidos a dedo por um renomado chefe do submundo.

– O Gido garantiu-me que são os melhores – disse Marduk. – Portanto, terão de ser.

– Trabalhamos melhor com pessoas que conhecemos – retorquiu Hassell, lançando um olhar contundente a Nina.

– Garanto-lhe que a minha filha está ao seu nível em todos os aspectos. Tem toda a minha confiança e não irá desapontar-vos. – Marduk fez uma pausa antes de acrescentar: – E vocês não irão desapontá-la.

Hassell fez um breve aceno de cabeça em sinal de concordância.

Marduk respirou fundo e ponderou as palavras seguintes. A equipa à sua frente precisava apenas de conhecer os pontos pertinentes da missão. Enquanto deliberava, olhou em redor do vestíbulo abandonado, observando o seu aspeto decrépito: as paredes a desintegrarem-se, a madeira apodrecida, os vidros partidos, o odor a mofo. Os seus pés moviam-se por entre pilhas de lixo, detritos e seringas velhas.

– Serei breve – disse. – Como sabem, o Gido é um chefe do crime, uma grande figura do submundo, mas *nós*, os Amori, não precisamos de pagar pelos serviços dele. Eu sou o monarca, o chefe de estado dos Amori. Somos uma entidade secular que cedo compreendeu que as Cruzadas contra a Terra Santa iriam resultar numa guerra religiosa que duraria milhares de anos. Não demorámos a perceber que a Igreja e o Vaticano iriam transformar-se nos nossos grandes inimigos. Estávamos lá, na Babilónia, e, mesmo assim, prosperámos. Vocês, agora, trabalham para os Amori.

Hassell olhou para a sua equipa antes de franzir o sobrolho.

– Pensei que ia ser breve.

Marduk não exibiu qualquer emoção. Os anos de liderança e aquela nova oportunidade sobrepunham-se a manifestações fúteis de irritação.

– A Igreja e o Vaticano serão destruídos. Para isso, irão roubar o *Livro de Segredos do Vaticano* do Arquivo Apostólico. Fui informado de que vocês são os melhores dos melhores, e à Nina caberá o roubo propriamente dito. Assim, teremos a equipa perfeita.

– Existe um *Livro de Segredos do Vaticano*? – perguntou Hassell.
– Não sabia.

– A Igreja esconde muitos segredos sórdidos – respondeu Marduk, com dificuldade em reprimir o fervor que era óbvio na sua voz. – Desde os tempos do falso messias Jesus Cristo até aos dias de hoje. Mas o livro contém pelo menos um segredo que, se revelado, deixaria a cristandade de joelhos. Digo-vos isto apenas para garantir que compreendem a verdadeira importância da vossa missão. Uma coisa vos garanto: nunca farão um trabalho tão importante como este.

Marduk avaliou as reações dos presentes e a mais honesta transpareceu nos olhos da sua filha. Nina treinara durante anos para aquele auspicioso momento. Os outros pareciam necessitar de mais argumentos.

– O segredo irá agitar o mundo e vocês têm a incrível sorte de poder ser os primeiros engenheiros da sua *revelação*. Tal como os Evangelhos foram os primeiros engenheiros do nosso esconderijo forçado. *Tornou-se refúgio de demónios* – recitou Marduk. – *Guarida de todos os espíritos imundos, guarida de todas as aves imundas*. Cerrou os punhos dolorosamente sob o manto negro. Depois, respirou fundo e acalmou-se. A exibição de emoções não se adequava ao seu estatuto.

Hassell fitava-o. Marduk retomou o controlo da situação.

– Graças às vossas capacidades, foram escolhidos para ajudar a recuperar o *Livro de Segredos*.

– Então, para resumir – disse Mac, o perito em TI, com um toque de sarcasmo. – Vocês são uma espécie de inimigos antigos da Igreja. Querem que *nós* roubemos um livro antigo e poeirento, cheio de segredos obscenos, para que possam destruir a cristandade. – Sorriu. – Por mim, tudo bem.

Ainda passou pela cabeça de Marduk mandar matar, no futuro, esse tal Mac pela insultuosa banalização do seu principal objetivo. A sua monarquia possuía esses privilégios, mas também incluía a responsabilidade de pôr os objetivos dos Amori em primeiro lugar. Sem pensar, tocou no símbolo vermelho brasonado no lado direito do casaco, procurando a calma nesse símbolo antigo dos Amori.

Hassell observava-o.

– Somos aliados da humanidade, não seus inimigos. *Eles* chamaram-nos prostitutas e abominações na sua Bíblia... nas *mentiras* a que chamam escrituras. Mas este segredo irá destruí-los. A prova irá esclarecer dois mil anos de incorreções e de manipulação.

– Avançando – disse Hassell. – Vou delinear o plano do roubo que enviará a sua filha para a boca do lobo, por assim dizer. Nenhum bom plano sobrevive ao contacto com o inimigo. Temos de ser fluidos e flexíveis lá dentro. Não se importa que eu assumo também o comando total dos Planos B e C?

Marduk acenou afirmativamente com a cabeça.

– Está aqui porque é o melhor. Confio nas suas capacidades. Planeie todas as contingências que considerar necessárias. Só o livro importa.

Hassell não parecia convencido e olhou para Nina antes de voltar a sua atenção novamente para Marduk.

– Entrar e sair do Vaticano sem chamar a atenção não é tarefa fácil, nem mesmo para nós.

– Teremos alguém lá dentro, embora ele ainda não o saiba. – Marduk tentou afastar a dúvida. – É um membro da Guarda Suíça. Durante o roubo, ouvirei o que se passa através de sistemas que vocês instalarão e agirei caso precisem de ajuda.

Hassell anuiu. Mac parecia entediado. Os dois assassinos, Ash e Base, seguiam a conversa sem participar. Os seus olhos percorriam as ruínas e a decadência que os rodeavam como se no ruído dos animais escondidos estivesse a chave da sua existência.

O rosto de Nina exibía a expressão astuta que tão bem conhecia. A sua filha avaliava todas as mudanças na postura dos companheiros, cada oscilação do seu discurso. Havia demasiado em jogo para ignorar até o menor sinal de descontentamento.

Tinham sido milhares de anos de trabalho, de sacrifício e de planeamento, para ser mais preciso.

Marduk olhou para o teto de onde se projetavam minicascatas que matraqueavam o chão num ritmo regular, um indicador rítmico de que lá fora caía uma chuva leve. Aquele lugar era frio e lúgubre, não era o local ideal para dar início à mais importante missão dos Amori, mas era o local perfeito para a iniciar clandestinamente.

Um último aviso: – Estamos por todo o lado – declarou Marduk. – Em todos os governos, bancos e empresas de segurança, em todas as escolas, conglomerados de energia e consórcios petrolíferos. Temos pessoas a soldo nas esquadras das maiores cidades e em muitas outras. Ninguém consegue passar despercebido. Nem vocês, nem sequer o Gido. Traiam-nos e serão mortos, assim como a vossa família e todos os amigos da vossa página do *Facebook*. Espero ter sido claro.

Hassell tossiu.

– Bastante. Já terminámos?

– Quase. De quanto tempo precisam para fazer um plano?

– Para *este* trabalho? – Hassell assobiou. – Diria um ano, mas presumo que não tenha esse tempo.

Marduk não disse nada e deixou que a intensidade do seu olhar respondesse por ele.

– Muito bem, então. – Hassell pigarreou. – Seis meses. Talvez sete.

– Isso é inaceitável.

– Quer isto feito como deve ser? Sem falhas? Seis meses. Quer isto feito de forma competente, com o mínimo de coisas que possam correr mal? Três meses, no mínimo.

– Três meses, então. – Marduk sorriu. – Voltaremos a ver-nos daqui a três meses.

– Já terminámos?

– Sim. Todas as informações adicionais serão dadas pela Nina. Para qualquer outra coisa, poderei ser contactado apenas através dela. E agora irão fazer história. Mas... devo dizer... nenhum de vocês respondeu à minha pergunta inicial.

Hassell semicerrou os olhos enquanto os outros o fitavam, inexpressivos.

Marduk abriu um sorriso astuto e repetiu:

– Acreditam em Deus?

– Os meus deuses são os processadores, a largura de banda e o *ghostware* – respondeu Mac. – Aleluia ao *mainframe*.

Ash e Base responderam levantando as armas e sorrindo maliciosamente.

Hassell desviou o olhar como se contemplasse demónios privados.

– Não – replicou, finalmente. – Um deus benevolente nunca toleraria as merdas que eu já vi. Nem permitiria aquilo que me aconteceu.

Marduk permaneceu impassível enquanto dizia:

– Ainda bem. Porque, nos próximos meses, os crentes irão questionar o seu lugar no mundo. Irão questionar a sua fé, a vida que construíram em redor de mentiras condenáveis. Irão sucumbir nas ruas, nas suas casas e nos bancos dos seus falsos locais de culto.

Os Amori, cogitou, irão... vencer... finalmente.